

Feridas que não se curam: A violência psicológica cometida à mulher pelo companheiro

Hugo Leonardo De Souza*

Dr^a Latif Antônia Cassab**

*O mundo é um lugar perigoso de se viver.
Não por causa dos que nele fazem o mal,
Mas por causa daqueles que apenas olham
e permitem que ele seja feito.”*
Albert Einstein

A violência de um modo geral encontra-se enraizada na sociedade desde os seus primórdios, em todos os aspectos. Podemos percebê-la como um fenômeno cotidiano que se insere desde o âmbito público adentrando pelo espaço doméstico, que em tese deveria ser o refúgio das pessoas frente a toda forma de violência. No entanto, não devemos esquecer que o termo “violência” carrega consigo uma amplitude de compreensões e, portanto, de complexidades, estando relacionado a contextos sociais e a períodos históricos distintos, ou seja, diferencia-se no tempo e no espaço a partir do contexto sociocultural em que se manifesta. Assim, o que é considerado violência para uma sociedade nem sempre o será para outra, entende-se, então, que a violência é condicionada de acordo com regras de um determinado lugar ou tempo, mas nem por isso, os atos não se caracterizam como agressões. A violência em suas diferentes manifestações tem suas

* Assistente Social, Pós-graduando em História e Humanidades na Universidade Estadual de Maringá, e formado em Serviço Social pela Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana (2008).
E-mail: hugosouza2@yahoo.com.br

** Assistente Social, Doutorado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003) Professor titular da Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana.
E-mail: latif_cassab@yahoo.com.br

raízes na discriminação e, neste sentido, as mulheres, de uma forma geral, são os sujeitos sociais que mais a tem sentido.

Constata-se que as mulheres foram perseguidas e maltratadas pelo fato de serem mulheres, diferentemente do que ocorreu com os homens, que também foram reprimidos e subordinados, mas por razões externas e não simplesmente porque eram homens. Os jovens, enquanto jovens, eram reprimidos e subordinados, mas ao se transformarem em velhos, adquiriam status e passavam a ocupar postos importantes. [...]. O mesmo não sucedia com as mulheres, que se perpetuavam como seres subordinados. (TELES; MELO, 2002, p.30).

Além da situação da discriminação posta pelo mundo do trabalho, muitas mulheres são acometidas por outros tipos de violência e, uma das mais sérias a se considerar é a violência doméstica, praticada pelo seu parceiro, o qual deveria participar, diariamente, para enfrentamento e superação das discriminações. Pior, em pleno século XXI, a mulher sofre discriminação até mesmo por sofrer a violência, sendo vista como culpada em qualquer situação. Segundo Rocha (2007, p. 91-92)

Em virtude da denominada “sacralidade familiar”, é construído um “muro de silêncio” em torno dos fatos ocorridos no seio da família. [...] As mulheres se tornam “culpadas” e seus agressores, homens íntegros, que apenas desejavam defender a honra e o bom nome da família. Assim também acontece com mulheres estupradas, sobre as quais pesa sempre a suspeita de que foram sedutoras e, portanto, responsáveis pela violência sexual masculina.

A violência contra a mulher, nos dias atuais, é vista como um problema de saúde pública, mas nem sempre foi assim. Anteriormente à discussão de gênero¹, durante séculos, a mulher em condição de violência, não possuía auxílio e/ou socorro de quem quer que fosse, submetendo-se e conformando-se com seu destino. Historicamente e, até décadas atrás, muitas mulheres achavam que padecer pela violência imputada pelo seu cônjuge e/ou companheiro era uma coisa normal, já que sua mãe também a

¹ Para melhor compreensão desta expressão, é preciso, antes, entender os conceitos de sexo, de gênero e suas diferenças. O conceito de sexo está ligado às diferenças fisiológicas das genitálias da fêmea (mulheres têm vagina) e do macho (homens têm pênis). Gênero é uma categoria criada para analisar as relações entre mulheres e homens e como elas são construídas cultural e socialmente. Por meio desta categoria, foi possível perceber que as mulheres são discriminadas na sociedade e que sofrem violência apenas por terem nascido mulheres. Elas seriam tidas como “frágeis e dóceis”, enquanto os homens seriam “viris, fortes e provedores”. O estereótipo vem de longa data, sendo, desde sempre, mais ou menos presente em cada momento e comunidade. Esta imposição de papéis criou uma hierarquização de poder, subordinando as mulheres aos homens. A violência de gênero é uma das expressões dessa divisão de poderes que limita, não só a vida das mulheres, mas também a dos homens quando, por exemplo, restringe sua possibilidade de manifestar seus sentimentos, através do choro, da suavidade ou da beleza, de cuidar dos filhos e da casa. (CEFEMEA, 2007, p. 13).

sofria pelo marido. Desta forma, a violência se propagava por muitas gerações, de forma cíclica, através do modelo patriarcal² oprimindo e alienando-as. Neste sentido, a violência sempre foi a principal forma de dominação masculina, visto que o homem, de uma forma geral, não visava a eliminação da mulher, mas sim dominá-la a fim de mantê-la sob controle restrito ao ambiente doméstico.

O homem pratica a violência de uma forma que, segundo Teles e Melo (2002, p.2), denominam como um processo regular, de quatro fases, definido como “tensão relacional, violência aberta, arrependimento e lua-de-mel”. A violência doméstica contra a mulher, no Brasil, atualmente, é considerada como crime preconizada na Lei “Maria da Penha”, de nº. 11.340/2006. As principais formas de violência doméstica contra a mulher definidas por esta Lei são: Física, Sexual, Psicológica, Moral e Patrimonial. A violência física pode ser compreendida como qualquer tipo de ação que ofenda a integridade e a saúde corporal da mulher. A violência sexual é qualquer tipo de relação sexual não desejada pela mulher e sendo intimidada e forçada a realizá-la. A Lei também preconiza, como violência à mulher, a violência moral, que consiste em “[...] qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria”; e a violência patrimonial, que pode ser considerada como “[...] qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus bens pessoais” (BRASIL, 2006, p.8).

Dominação-vitimação: a violência psicológica

A violência psicológica é caracterizada pela Lei em vigor como “[...] qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto estima, ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento [...]” (BRASIL, 2006, p. 3). O fato da violência psicológica, finalmente, ser reconhecida através de uma Lei, constitui-se um importante avanço no combate a todos os outros tipos de violência. Mas, de outro lado, a violência psicológica ainda está longe de ser considerada pelos serviços públicos de saúde e instituições policiais como uma problemática social grave.

Podemos visualizar essa situação na fala de Rosa³,

² Em relação ao modelo patriarcal Faleiros (2007. P. 61-65) expõe que: “O poder patriarcal estrutura-se, pois, na desigualdade entre os gêneros masculino e feminino, numa lei do status desigual dos gêneros. [...] Historicamente, os machos estruturam o poder patriarcal de dominação sobre as fêmeas, ou melhor, sobre o gênero feminino, exercido diretamente pelo patriarca ou por seus prepostos.”

³ Nome fictício para M.G.F., 56 anos, Ensino Fundamental incompleto, casada, convivendo com o agressor – sujeito da pesquisa.

Violência psicológica não sei muito bem explicar não. É aquela que a gente fica magoado para a vida inteira? Ah então, eu já tô com isso, já faz é tempo, né, violência psicológica eu acho que já estou carregando ela há muitos anos. Porque nunca ele me deu valor, né, eu já sofri muito, já trabalhei muito, é, ele falava muita coisa, falava que eu fazia coisa que eu não fazia, né, que eu andava atrás de outra pessoa, sendo que eu nunca fiz isso, então, eu acho que a coisa já está assim na minha vida, tanto que eu falei pra psicóloga já, que eu peguei muita raiva dele, nossa...

Margarida⁴ expõe a alienação que a violência psicológica carrega:

Perceber, a gente até percebe. Mas você não quer enxergar. Mas é uma coisa que você percebe, mas você não enxerga. [...] e o tempo vai passando. Ai quando parte pra agressão física, é como se você acordasse e falasse assim: “Poxa! Não, o negócio tá feio... precisa ser tomada alguma atitude” só que essa atitude demora pra você acordar.

A violência psicológica pode ser considerada como a mais perversa, entre os outros tipos de violência, ocorrida no âmbito doméstico, em decorrência das marcas irremediáveis que deixa, perdurando por muito tempo ou, às vezes, por toda a vida, desta mulher que a sofre.

Para Violeta⁵, a violência física se constitui em gravidade, sendo superada, em intensidade, pela violência psicológica.

Além da física, a psicológica, porque a dor passa, o machucado passa, mas o que ele fez, o que a pessoa faz, as palavras que são ditas, o que você vê, aquela coisa acontecendo, você não esquece nunca mais na vida. Então, eu acho que ela é muito maior que a dor física.

Muitas pessoas nem sequer conhecem as expressões da violência psicológica. Tal condição é resultado da ideologia romântica que possuem sobre família, ou seja, a família deve viver em harmonia e, os que não se enquadram a esse padrão são considerados “desestruturados”. Na efetivação da harmonia familiar, muitas vezes, há um processo de naturalização da ofensa verbal, ou seja, para muitos homens “é normal” ofender verbalmente a mulher, tratando-a como propriedade, concebendo, através de uma perspectiva confessional, que foi para isso que ele foi criado, para ser o mantenedor da família e, conseqüentemente, o “dono” da mesma. Felizmente essa concepção, posta na relação afetiva entre homem e mulher está se alterando, apesar do lento ritmo em que isto procede, mas, a perspectiva de mudança, por si mesma, já é um avanço considerável.

Atualmente, grande parte das mulheres, além de cuidar do serviço doméstico, se ocupa com uma profissão, enfrentando uma nova jornada

⁴ Nome fictício para A.F., 41 anos, Ensino Superior completo, casada, convivendo com o agressor – sujeito da pesquisa.

⁵ Nome fictício para S.B., 37 anos, Ensino Superior completo, separada não oficialmente do agressor – sujeito da pesquisa.

de trabalho, buscando conquistar certa independência financeira – embora, para muitas mulheres que sofrem abuso psicológico, essa independência talvez nunca ocorra. Muitas mulheres que realizam dupla jornada de trabalho, inúmeras vezes se submetem a deixar seu rendimento com o companheiro como condição de sua permissão, para exercer uma profissão, fora do ambiente doméstico. Outra situação, muito comum, é que, apesar de ter condições financeiras para deixar o companheiro, ela não consegue superar os laços que a prende em tal situação, pois se encontra presa na armadilha do abuso psicológico produzida pelo companheiro.

A rotina da mulher que sofre abuso psicológico é de constante medo, onde ela nunca sabe qual será o próximo passo do companheiro, se ele ao chegar à casa trará flores ou se irá, mais uma vez, afirmar sua condição de subordinada e “estúpida” – ainda que satisfaça todos os seus desejos, ele nunca estará satisfeito e sempre encontrará uma maneira de atacá-la quando chegar do trabalho. (MILLER, 1999, p. 53).

A mulher vítima do abuso emocional vive em constante estado de medo: o que o homem fará a seguir? Com medo de “baixar a guarda”, ela não pode sequer desfrutar de momentos tranquilos – um filme ou uma noite com amigos – sempre cautelosa, sabendo o que ele pode fazer com um mínimo de provocação. (MILLER, 1999, p. 54).

Os meios utilizados pelo agressor para controlar a mulher

Os homens que abusam de suas mulheres conscientemente usam de inúmeros artifícios para atingir seus objetivos. Um dos alvos preferidos para o homem atingir a mulher são os filhos. Desta forma, usa de agressão física e psicológica para com os mesmos, sabendo que a mulher ficará angustiada vendo-os sofrer e, tudo fará, para minimizar e/ou superar tal situação aos filhos. Outro alvo comum, para os agressores, são os animais de estimação da mulher. Sabendo de sua estima e carinho especial por seus animais, inúmeras vezes, únicos “amigos” que lhe sobraram, o homem agride, e não raras vezes, até os mata, deixando “no ar”, uma mensagem de que a próxima a ser agredida poderá ser ela. Mais, seus objetos pessoais são constantes alvos de ataque por aquele que a quer controlar. Carros são arranhados, vestidos são rasgados e suas jóias são quebradas, sempre no intuito de fazê-la sofrer e deixá-la ainda mais subestimada e, conseqüentemente, mais submissa.

Além dos meios de controle, supracitados, o homem usa de uma infinidade de estratégias para controlar a companheira e deixá-la descontrolada emocionalmente. De acordo com Mary Susan Miller (1999), as estratégias mais usuais são: o cativoiro, o isolamento e a propaganda.

Os que usam do cativoiro para controlar a mulher geralmente são homens que não conseguem “segurar a mulher”. As mulheres tentam escapar do seu comando, mas ele tenta, de todas as formas, segurá-la sob seu domínio. Outras, ao sair para o trabalho ele tranca-a em casa e leva consigo a chave; esconde a chave do carro; fura os pneus do carro ou simplesmente ameaça que irá espancá-la se ela ousar desobedecê-lo. Assim, muitas mulheres, às vezes, sentem-se como uma fora-da-lei, condenada à prisão perpétua, porém, no lugar de barras de ferro, está presa em sua própria casa e, caso tente fugir, poderá ser condenada à morte. (MILLER, 1999, p. 5).

O isolamento se apresenta como outro meio utilizado pelo agressor para controlá-la, fazendo uso de todos os meios possíveis para que a mulher não tenha qualquer contato social.(MILLER, 1999). Dessa forma, o agressor a tem sob seu poder, principalmente ela não tendo a quem recorrer ao ser agredida.

Para que a violência possa perdurar é preciso isolar progressivamente a mulher de sua família, de seus amigos, impedi-la de trabalhar, de ter uma vida social. Isolando sua mulher, o homem faz com que sua vida fique voltada unicamente para si. Ele precisa que ela se ocupe dele, que só pense nele. Age de modo a que ela não seja demasiadamente independente, para que não escape a seu controle. As mulheres dizem muitas vezes que se sentem prisioneiras. (HIRIGOYEN, 2006, p. 31-32)

A propaganda é um dos meios mais usados, e com toda certeza, o mais mortal para dominar a companheira através da violência psicológica. O agressor, constantemente, verbaliza que a mulher é estúpida, incompetente, e a ofende das piores maneiras possíveis. Dessa maneira, a mulher acaba “acreditando” no sentido de suas palavras e tenta sempre melhorar para deixá-lo mais satisfeito. Assim, segue uma rotina de calúnias e humilhações, por parte do homem e, uma busca infinita e de medo, por parte da mulher, para satisfazer o companheiro.

Margarida expõe sua experiência sobre tal fato:

Mas não é fácil não. É complicado. Coloca a gente numa situação... Você se sente quando é agredida, a pior coisa do mundo sabe? Eles fazem de tudo pra derrubar mesmo, pra você se sentir um lixo mesmo.

Muitos homens nem mesmo chamam sua mulher pelo nome, e sim por adjetivos como “cadela”, “prostituta”, “vagabunda” e diversas outras denominações que deixariam qualquer pessoa, fora do ambiente violento, assombrada. Assim, a mulher começa a se ver da forma que o agressor insistentemente a trata, perdendo seu amor próprio e sua auto estima, achando-se a pior mulher do mundo e que ninguém seria capaz de gostar de uma pessoa como ela. E, ainda, que seu companheiro faz uma caridade ao ficar com ela. Deste modo, se esforça na tentativa para agradá-lo sentindo, inclusive, medo de ser abandonada por ser ela tão incompetente.

Considerações finais

Muitas pessoas, no uso do senso comum, constantemente se perguntam:

- Por que ela simplesmente não vai embora?

A resposta a tal questionamento envolve muitos motivos.

Primeiro, a mulher, como dito anteriormente, na maioria das vezes não sabe que está envolvida em uma relação de violência, encharcada por um meio social violento, naturaliza tal condição. Muitos dos gestos de agressão são tão sutis, que não percebe a agressão psicológica sofrida.

Na medida em que os abusos vão se tornando mais freqüentes e mais agressivos, a mulher vai achando que aquilo é normal e que é ela quem não está fazendo as coisas de forma correta. Quando, finalmente, consegue compreender o que realmente se sucede, pode ser tarde demais, pois já se encontra com severas seqüelas pelo abuso contínuo, sofrido por anos de sua vida.

Hirigoyen (2006) cita a estratégia de lavagem cerebral⁶ como outro fator para que a mulher permaneça em uma situação de violência. Constantemente usada pelo agressor, como forma de manter a mulher como “escrava”, a lavagem cerebral é uma das formas mais perversas de manipulação. Nesta, o agressor utiliza das mesmas armas de lavagem cerebral usados em prisioneiros de guerra. Primeiramente, ele a isola do mundo exterior, não a deixando trabalhar, estudar e até mesmo ver amigos ou familiares. Assim, ele a fragiliza psicologicamente, fazendo

⁶ “Esse processo foi descrito pela primeira vez por um psiquiatra estadunidense, Robert Jay, falando de relatos de prisioneiros de guerra americanos na China e na Coréia. A técnica utilizada não era nova, mas os comunistas chineses lhe tinham dado um caráter mais organizado, mais deliberado, a fim de provocar nos prisioneiros uma perturbação pessoal decisiva, visando a mudar sua personalidade e, com isso, modificar sua posição em relação à sociedade”. (HIRIGOYEN, 2006, p. 95).

com que seus pensamentos – bons ou maus – sejam voltados apenas para ele. O próximo passo é convencê-la de que é uma pessoa sem vontade própria e que pertence apenas ao companheiro, e por isso deve ser submissa. Nesta situação, a mulher se convence de que a culpa das “explosões” de raiva do companheiro são de responsabilidade dela, sua culpa e, assim, vive uma rotina de medo e culpa, na tentativa de fazer o companheiro feliz.

Mesmo que pessoas postadas fora do relacionamento abusivo tentem convencê-la de que o companheiro a está violentando, ela insiste em afirmar que a culpa é sua por não saber cozinhar direito, não realizar as fantasias dele, não ser inteligente para acompanhá-lo numa conversa, etc. Quando se chega a este estágio, o companheiro já conseguiu completar o processo de lavagem cerebral. (HIRIGOYEN, 2006).

O tratamento de uma mulher, vítima do abuso psicológico, requer, antes de tudo, muita paciência, tanto por ela mesma, como por demais sujeitos envolvidos, pois submersa a uma condição de violência, não conseguirá, do dia para noite, se desfazer das cicatrizes ocultas deixadas por anos de submissão e agressão.

As etapas para o tratamento deverão ser respeitadas. Mas o que acontece, na maioria das vezes, é que mesmo decidida a sair, a mulher não se sente fortalecida nem provida de apoio suficiente para deixar o lar. Por esse motivo, muitas delas retornam, várias vezes para o agressor até romperem, definitivamente, o laço relacional. (HIRIGOYEN, 2006, p. 6).

Partir não quer dizer que as mulheres estejam decididas a se divorciarem. Elas mantêm durante muito tempo a esperança de que seu companheiro venha a mudar. Esperam que a ruptura tenha sobre ele uma função de eletrochoque, que ele venha a se corrigir, e, mesmo depois de afastadas, têm vontade de ajudá-lo e continuam a ter pena dele ou a desculpá-lo. (HIRIGOYEN, 2006, p. 103).

O que não podemos esquecer é que tais mulheres precisam amar novamente, redescobrir sua identidade que esqueceram quando se envolveram nessa relação de conflito, de agressões. É preciso apoiá-las, no sentido de tratamento que viabilize sua auto confiança, sua auto estima e fazê-las acreditar que podem ser felizes novamente, em novos relacionamentos cuja condição seja de respeito e afeto.

Bibliografia

- HIRIGOYEN, Marie-France. **A Violência no Casal:** da coação psicológica à agressão física. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- MILLER, Mary Susan. **Feridas Invisíveis:** abuso não-físico contra mulheres. Trad. Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999.
- BRASIL. Decreto Lei 11.340 de 7 de Agosto de 2006. **Lei Maria da Penha:** Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Secretaria Especial de Política para as Mulheres, 2008
- CENTRO FEMINISTA DE ESTUDOS E ACESSORIA. **Lei Maria da Penha:** do papel para a vida. Comentários à Lei 11.340/2006 e sua inclusão no ciclo orçamentário
- TELES, Maria Cunha de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher?** São Paulo. Brasiliense, 2002. Coleção Primeiros Passos.
- ROCHA, Martha M.. Violência contra a Mulher. In: TAQUETTE, Stella R. (Org). **Violência contra a Mulher Adolescente/Jovem.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.
- FALEIROS, Eva. Violência de Gênero. In: TAQUETTE, Stella R. (Org). **Violência contra a Mulher Adolescente/Jovem.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.